

Um período de “estagflação” é o que prevê Porto Gonçalves

por Reginaldo Heller
do Rio

“Estamos, hoje, no inicio da segunda fase do programa de estabilização adotado pelo governo, caracterizada pela queda da produção e permanência de altas taxas de inflação.” O que o professor da Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas, Antônio Porto Gonçalves, quis dizer aos analistas de mercado, reunidos ontem no Rio, no almoço semanal da Abamec, é que a economia brasileira está ingressando no que ele qualifica de período de “estagflação”.

Este programa de estabilização, segundo Porto Gonçalves, faz parte do plano do governo que prevê, ainda, uma queda da inflação no segundo semestre deste ano e recuperação econômica já no inicio de 1982. Mas essa delimitação dos prazos das

diferentes etapas que constituem a terapia monetarista clássica não tem uma rigidez como espera o governo, razão pela qual ele estima que em 1981 a inflação deverá situar-se em torno de 120%, não se sabendo, com certeza, quanto tempo a economia permanecerá desaquecida.

IMPOSIÇÃO

Embora considerando perigosa a terapia adotada, pelas suas implicações políticas e sociais, o professor da FGV disse que ela foi, praticamente, imposta pela conjuntura adversa do balanço de pagamentos. “Tivemos de satisfazer nossos credores que, afinal, sustentam nosso crescimento”, prosseguiu Porto Gonçalves. “e aceitamos uma intervenção branda do Fundo Monetário Internacional.”

Ainda assim, sua análise sobre o comportamento da

liquidez real da economia revela que esse processo de estabilização é muito mais rigoroso do que o praticado pelo ex-ministro Octavio Gouvêa de Bulhões em 1968. E o único problema será a determinação do governo de levá-lo adiante, em que pese a todas as pressões políticas. “Se os resultados não aparecerem em tempo, é possível que o governo acabe abandonando essa terapia”, continuou, lembrando, no entanto, que, ainda assim, existe uma alternativa válida: o racionamento de combustível, especialmente os derivados de petróleo. Neste caso, segundo Porto Gonçalves, apenas alguns setores seriam atingidos, podendo a economia como um todo crescer, ao mesmo tempo que se aceleraria uma profunda mudança de estruturas capaz de enfrentar a nova situação energética mundial.